



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA**

Sem replay

Quinta-feira, 12 de janeiro de 2017

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 19 de janeiro de 2017

«Hoje» e «coração» são as duas palavras que o Papa Francisco indicou como base para um exame de consciência do estado de saúde da própria relação com Deus e com os irmãos. Para esta sua meditação, Francisco partiu da primeira leitura, tirada da carta de São Paulo aos Hebreus (3, 7-14). «Há o Espírito Santo que nos fala» observou o Papa, reiterando precisamente as primeiras palavras do trecho litúrgico: «Irmãos, como diz o Espírito Santo». E «neste trecho da carta aos Hebreus — explicou — há duas palavras que o Espírito Santo repete: “hoje” e “coração”. Com efeito, escreve Paulo: «Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações». Depois «no salmo do lecionário — acrescentou o Santo Padre citando o salmo 94 — pedimos esta graça: que o nosso coração não seja endurecido, não seja duro».

Por conseguinte, «hoje» é a primeira palavra. Mas «o hoje do qual o Espírito Santo fala — explicou o Pontífice — é a nossa vida, é um hoje, como diz o próprio Espírito, “cheio de dias”, mas é um hoje». É «um hoje depois do qual não haverá um replay, um amanhã: hoje». E o «ocaso será mais próximo ou mais distante, mas é hoje, um hoje escolhido por Deus, um hoje no qual não recebemos o amor de Deus, a promessa de Deus de o encontrar, de estar com ele; um hoje no qual todos os dias deste hoje podemos renovar a nossa aliança com a fidelidade a Deus». Contudo é um «hoje», porque «há somente um único hoje na nossa vida».

Certamente, reconheceu Francisco, «há sempre a tentação de dizer: “sim, sim, deixo para

amanhã”». É «a tentação do amanhã que não se verificará, como o próprio Jesus nos explicou na sua parábola das dez virgens: as cinco insensatas foram comprar o óleo que não tinham» dizendo umas às outras: «Sim, sim, depois, amanhã, depois vou, depois volto». Mas, afinal, «quando chegaram, a porta estava fechada».

Portanto, insistiu o Papa, a vida «é hoje: um hoje que começa e um hoje que acaba; um hoje repleto de dias, mas é hoje». A este propósito o Pontífice repropôs também a parábola que narra daquele homem «que foi ter com o Senhor e batia à porta: “Senhor, abre-me, sou eu, não te lembras? Comi contigo, estive contigo”». Mas o Senhor responde-lhe: «Não te conheço, chegaste tarde».

«Digo-vos isto não para vos assustar — tranquilizou Francisco dirigindo-se aos presentes — mas simplesmente para vos dizer que a nossa vida é um hoje: hoje ou nunca. Eu penso isto. O amanhã será o amanhã eterno, sem ocaso, com o Senhor, para sempre, se eu for fiel a este hoje». E, prosseguiu, «a pergunta que vos faço é a mesma do Espírito Santo: como vivo este hoje?».

«A outra palavra» que se encontra no trecho da carta aos Hebreus proposto pela liturgia é «coração». Nós «com o coração conhecemos Deus, encontramos o Senhor». Mas «como é o nosso coração?». São Paulo dá um conselho específico na carta: «Não endureçais os vossos corações». Então é bom perguntar a nós mesmos se «o nosso coração é duro, fechado», talvez até «sem fé, perverso, seduzido». De resto, «Jesus repreendia muitas vezes» os homens «lentos de coração, lentos em compreender». E é precisamente «no nosso coração» que «se joga o hoje». Eis porque devemos questionar-nos se «o nosso coração está aberto ao Senhor».

«Surpreendo-me sempre — confidenciou Francisco — quando encontro uma pessoa idosa, muitas vezes um sacerdote ou uma pequena freira, que me diz: “Padre, reze pela minha perseverança final”». É natural perguntar àquela pessoa se tem «medo», depois de ter vivido «bem a sua vida, todos os dias» do seu «hoje ao serviço do Senhor». Mas não é certamente questão de medo, a ponto que aquelas pessoas respondem: «A minha vida ainda não chegou ao crepúsculo, gostaria de vivê-la plenamente, rezar para que o hoje seja cheio, cheio, com o coração firme na fé e não arruinado pelo pecado, pelos vícios, pela corrupção».

Portanto, trata-se sobretudo de «duas palavras» que nos são propostas pelas liturgia e que o Papa convidou a fazer próprias. Em primeiro lugar «hoje: este hoje cheio de dias, mas que não se repetirá; o hoje, os dias repetem-se enquanto o Senhor não disser “chega”». Mas «o hoje não se repete: a vida é esta». A segunda palavra é, exatamente, «coração». E nós devemos ter sempre um «coração aberto ao Senhor, não fechado, não duro, não endurecido, não sem fé, não perverso, não seduzido pelos pecados». E «o Senhor encontrou muitos que tinham o coração fechado: os doutores da lei, toda esta gente que o perseguia, pondo-o à prova para o condenar, e no final conseguiram».

«Vamos para casa — concluiu Francisco — unicamente com estas duas palavras», questionando-nos: «como é o meu hoje?». Sem nunca esquecer que o «ocaso pode ser precisamente hoje, este dia ou muitos dias depois». Mas é bom verificar «como está o meu hoje na presença do Senhor». E perguntar-nos também «como está o meu coração: aberto, firme na fé, deixa-se guiar pelo amor do Senhor?». E «com estas duas perguntas — sugeriu o Papa — peçamos ao Senhor a graça da qual cada um de nós necessita».